

**DESEJA
APOSTAR?**

2.30

3.10

3.70



Escaneie para
acessar

POR TRÁS DO PLACAR

Os impactos e bastidores da relação entre apostas esportivas e o futebol brasileiro

BEM-VINDO AO FUTEBOL

BATSE

EZBETS

XBET

VULCAN

BET-XIE

BETMAX

ZBE

BET-X

BATSE

XBET

BETXK

BETMAX

VIN

BET-EIT

WINBET

WINBET

ZEBT

GT

WINBET

BET

ZEBET

BET

BETSLIP

BET

O JOGO DO SEU DINHEIRO



JOGO EM RISCO

Um novo alerta se acende. Um novo obstáculo contra o vício precisa ser enfrentado. E o alvo? Todos nós. As casas de apostas estão por toda parte: na mídia tradicional, nas rádios, na internet. Nas redes sociais, a chuva de propagandas é constante. No esporte — especialmente no futebol — a contaminação pelas bets é visível: está nas camisas, nas placas de publicidade e nas transmissões. E nós, como espectadores apaixonados por esse universo, assistimos de perto à consolidação de uma nova epidemia que avança sobre a sociedade.

A mídia vive uma contradição: ao mesmo tempo em que tem o dever de alertar sobre os malefícios das apostas, recebe patrocínios milionários dessas plataformas. O conflito de interesse é evidente e gera uma omissão. E essa omissão é uma forma de cumplicidade. Muitas vezes, quem financia o conteúdo

está também, do outro lado da tela, perdendo dinheiro enquanto assiste a um programa patrocinado pelas mesmas empresas que o incentivam a apostar.

O efeito sobre o torcedor não é imediato. É silencioso e, a longo prazo, devastador. Sem uma mídia que informe com responsabilidade sobre os riscos das apostas, o público fica de mãos atadas. O estímulo constante para consumo das apostas leva ao vício.

O futebol é um conteúdo livre e que qualquer pessoa pode assistir, inclusive crianças. No entanto, as apostas são proibidas para menores de 18 anos. E mesmo assim, as propagandas são exibidas durante transmissões esportivas. O maior perigo é a normalização precoce. As apostas deixam de ser um problema e passam a ser vistas como parte natural do

futebol.

Para reduzir o contato de jovens com as casas de apostas, foi proibido o patrocínio em campeonatos de base e vetada a inclusão desses torneios nas plataformas. A medida, embora válida, esbarra em uma contradição: o patrocínio continua no futebol profissional. E muitos atletas da base, ainda menores de idade, são promovidos aos elencos principais e precisam vestir camisas com ícones de casas de apostas.

Diante desse cenário, esta revista nasce com um propósito: analisar todas as vertentes possíveis do contato com as apostas esportivas. Ouvimos pessoas ligadas à base, diversos personagens, desde personagens ligados ao futebol até especialistas. O objetivo deste produto é claro: promover a conscientização. Ser uma chama de esperança de que o bem pode vencer.

EXPEDIENTE

Texto, edição e diagramação: Pedro Henrique Scapin

Orientador: Jefferson Barcellos

Professor da disciplina: Paulo Apolinário

Coordenador do curso: Geraldo José Santiago

Capa: Inteligência Artificial

Vício em bet: 'Perdi R\$ 3.000 em minutos e usei Bolsa Família da minha mãe'

arcondes Brito
boletc@gmail.com



34% adiaram graduação em 2025 devido a gastos com bets, dizem universidades



Regula gov.br apostas

Medidas do Governo Federal abri

Os divórcios motivados pelo vício em bets e jogo do tigrinho: 'Meu marido vendeu nossa casa'



Auxílio-doença por vício em apostas dispara no INSS



Bets aumentam o número de jogadores que buscam ajuda para largar o vício

Stories de milhões, regulação de centavos: sem normas rígidas, bets são problema de saúde pública no Brasil



Atendimentos por vício em apostas crescem 206% em três anos, mas plano de prevenção do governo não sai do papel



Pesquisa mostra que 11 milhões de brasileiros fazem uso arriscado de apostas



CU, faltam Rede de



06 DO BICHO ÀS BETS

11 VULNERABILIDADE NO INTERIOR

14 O PREÇO DA MANIPULAÇÃO

16 JOGO VENDIDO NO INTERIOR

20 ESCALAÇÃO POVO FALA

22 APOSTA NO VÍCIO

24 BASE NO ALVO

ÍNDICE

DO BICHO À BET

As bets se popularizaram no século XXI, mas as famosas apostas e cassinos existem desde a chegada dos portugueses. Na história, muitas proibições e legalizações, vícios e tradições, e essa prática se mantém viva, mas sob novas regulamentações

Foto: IA/Chat GPT



Imagem que contempla o futebol, direito, economia e história

As apostas esportivas se tornaram uma febre entre a população. Estão presentes em comerciais, transmissões de campeonatos e até como patrocínios nas camisas dos clubes. No entanto, essa cultura é mais antiga do que parece. Com o avanço dos meios digitais e o fácil acesso a eles, a prática de apostar passou a carregar riscos de vícios e problemas sociais. Em 2025, é visto como um desafio, mas no século passado era apenas uma diversão.

As apostas chegaram ao Brasil ainda no período colonial, trazidas pelos portugueses. Vieram acompanhadas dos jogos de cartas e dados, como forma de entretenimento. O cientista social Breno Silva relata que “em 1917, o governo

criou a Loteria Federal, que teve um retumbante sucesso. Posteriormente, ainda no governo de Venceslau Brás, ela foi colocada na ilegalidade”.

Em meio ao vai e vem entre permissões e proibições, os cassinos foram legalizados em 1934, durante o governo de Getúlio Vargas. A medida fomentou o turismo e impulsionou a economia. Essa fase ficou conhecida como “Era de Ouro”, marcada por grandes jantares e apresentações. A legalização durou até 1946, quando o governo de Eurico Gaspar Dutra assinou um decreto que proibia qualquer tipo de jogo de azar no país. “Isso permaneceu ao longo das décadas seguintes, até o início do século XXI. Cabe salientar que, mesmo com essas mudan-

ças legais, a tradição de ‘fazer uma fezinha’ sempre foi muito forte na cultura popular”, afirma Silva.

O jogo do bicho, muito popular no Brasil, surgiu no fim do século XIX, em 1892. O Barão de Drummond foi o criador da prática, e o nome deriva do fato de ele ser dono de um zoológico na época. Silva conta que, “inicialmente, uma prática carioca, que se espalhou pelo país nas décadas seguintes — e, até hoje, mesmo sendo ilegal, continua existindo. Isso revela as ambiguidades e complexidades da sua existência e prática”. A expressão popularizada no meio futebolístico “zebra” surgiu porque o animal não aparecia entre os sorteados do jogo. Por isso, quando há um resultado inesperado, a frase é usada para indicar surpresa.

O cientista social Silva conta que, nos anos 90, houve uma tentativa da legalização dos jogos de azar no Brasil. “Durou alguns anos, mas foi solapada por mudanças legais. Essas práticas, mesmo ilegais, continuam no cotidiano, principalmente entre os grupos mais populares”.

Já as apostas esportivas começaram a ganhar relevância a partir da década de 1970, com a criação e regulamentação da Loteca — antigamente chamada de Loteria Esportiva —, uma iniciativa da Caixa Econômica Federal que permitia apostas nos resultados finais de partidas de futebol. Tratava-se de um modelo com regras fixas, diferente das apostas modernas, que envolvem odds variáveis, múltiplas e apostas ao vivo.

Mesmo de forma ilegal, os mercados de apostas continuaram ativos. Diversas tentativas legislativas buscaram integrar esse setor à economia formal, já que ele movimentava bilhões de reais por ano. Em 2018, a Lei 13.756/2018 foi aprovada pelo governo Temer, autorizando a operação das apostas no Brasil, com previsão de regulamentação total em até quatro anos.

Em matéria publicada no portal Gov, a Secretaria de Comunicação Social afirmou: “Em 2023, a Presidência da República enviou uma Medida Provisória ao Congresso Nacional para aprimorar a Lei de 2018. Juntamente com outro pro-

jeto de lei que já estava em tramitação, a Câmara dos Deputados e o Senado Federal incluíram entre as apostas de quota fixa legalizadas no Brasil os chamados jogos on-line.” Essa nova legislação passou a ser conhecida como Lei 14.790/2023.

REGRAS DO JOGO

Para continuar operando no Brasil, todas as casas de apostas tiveram que seguir regras impostas, que passaram a valer em 1º de janeiro de 2025. O coordenador jurídico da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), João Paulo Di Carlo, explica que, para funcionarem legalmente no país, as casas “precisam de autorização do Ministério da Fazenda, uma entidade certificadora habilitada, e atender aos requisitos estabelecidos pela legislação vigente e pelas normas da Secretaria de Prêmios e Apostas”. Entre algumas regras impostas, as empresas de apostas esportivas devem: pagar uma outorga de 30 milhões de reais — que permite até três marcas funcionando por outorga; pagamentos via cartão de crédito e boleto estão proibidos; usuários têm que se cadastrar via reconhecimento facial e documentos; domínios terão que termi-



Por não estar presente no jogo do bicho, a zebra significa azar

nar com 'bet.br', entre outros.

O consultor econômico José Rita Moreira comenta sobre o impacto econômico significativo que a regulamentação iniciada em 2025 trouxe para a arrecadação tributária. “A nova legislação impõe uma tributação de 12% sobre a receita bruta das operadoras e 15% sobre os ganhos dos apostadores, após intensos debates que reduziram a alíquota inicial proposta de 18%. Estimativas do governo apontam que o setor pode gerar entre seis e doze bilhões de reais anuais em impostos, contribuindo para a meta de déficit fiscal zero.” Ele completa afirmando que essa receita adicional tem o potencial de financiar serviços públicos, como infraestrutura e saúde. Mesmo assim, faz um adendo à ausência de políticas específicas para prevenção de vícios em jogos, o que limita o impacto social positivo.

Apesar das novas regulamentações, as apostas espor-

tivas tiveram um início tardio quanto ao recolhimento de tributações. Di Carlo diz que “foram cinco anos de um vácuo legislativo e regulamentar que foram muito prejudiciais ao mercado e aos consumidores, além da perda de recolhimento de tributos, taxas e autorizações que não foram arrecadados no Brasil”.

O coordenador jurídico afirma que as novas regulamentações trouxeram melhorias e maior segurança jurídica às casas de apostas interessadas em operar legalmente no Brasil. No entanto, ele ressalta que, para garantir um ambiente mais saudável, é fundamental “fiscalizar, combater e prevenir, pois essas ações são essenciais para a manutenção da integridade”.

Desde o início da década, diversos estudos têm analisado o crescimento da arrecadação das casas de apostas, impulsionado pelo aumento de usuários nas plataformas digitais e pela forte ligação do brasileiro com o futebol.



Foto: Arquivo Pessoal

Breno Silva contextualiza as apostas esportivas

“Em 2021, a receita bruta de jogos do segmento foi estimada em cerca de R\$ 2 bilhões, segundo a Statista”, relata Moreira. Já de acordo com estimativas do Ministério da Fazenda, publicadas em uma matéria produzida pela Forbes em agosto de 2024, o setor de apostas esportivas movimentou aproximadamente R\$ 120 bilhões em 2023. O consultor econômico afirma que fatores como o pagamento instantâneo via Pix e a aceitação cultural do jogo no país contribuem para esse crescimento. Ele acrescenta que, segundo projeções, o faturamento de 2026 pode ultrapassar os R\$ 5 bilhões, consolidando o Brasil como o terceiro maior mercado global de apostas online.

As expectativas são de que o Brasil registre um crescimento robusto no mercado de apostas durante os próximos cinco anos. Moreira afirma que esse avanço será impulsionado pelas

Foto: Arquivo Pessoal



João Paulo Di Carlo, coordenador jurídico, afirma que é fundamental fiscalizar as casas de apostas

regulamentações, pelo aumento da conectividade virtual e pela manutenção da paixão pelo futebol — modalidade que representa 94% das apostas esportivas. “Estima-se que o mercado, avaliado em US\$ 810 milhões em 2024, alcance US\$ 2,57 bilhões até 2033, com uma taxa de crescimento anual composta de 12,6%”, relata o consultor. Fatores como a entrada de novos operadores e a permanência de parcerias sustentam essa expansão. Porém, as altas tributações e os desafios éticos surgem como contrapontos relevantes.

PUBLICIDADES EM JOGO

O futebol brasileiro tem um novo dominador: as casas de apostas. Um exemplo são os clubes da Série A do Campeonato Brasileiro. Dos 20 times que disputam a edição de 2025, apenas Mirassol e Red Bull Bragantino possuem patrocínios máster de outros segmentos. O cenário evidencia a crescente dependência econômica dos clubes em relação às bets.

Moreira destaca que, “com a maioria dos times das principais divisões contando com esses contratos, uma eventual mudança regulatória ou instabilidade no setor poderia comprometer suas finanças. A falta de diversificação nas fontes de receita expõe os clubes a vulnerabilidades, especialmente em um cenário de alta tributação e possíveis restrições futuras”. Ele também



José Rita Moreira explica o envolvimento financeiro nas bets

chama atenção para os riscos reputacionais: fraudes e vícios associados às apostas podem afetar a imagem das instituições, abalar sua credibilidade e modificar a percepção dos torcedores.

Apesar de estarem fortemente integradas ao futebol atual, as casas de apostas não são as únicas fontes de receita dos clubes. “Elas não substituem completamente outras formas de receita, como direitos de transmissão, vendas de ingressos e patrocínios de outros setores. Contudo, o volume de recursos injetados pelas casas de apostas tem reduzido a dependência de fontes tradicionais”, afirma o consultor econômico.

Uma eventual proibição dos patrocínios das casas de apostas exigiria que os clubes encontrassem fontes alternativas de receita. “Estratégias viáveis incluem: diversificação de patrocínios, exploração de novas

receitas digitais, fortalecimento de programas de sócio-torcedor, parcerias com marcas globais e investimento em formação de atletas”. Moreira conclui que, embora essas alternativas demandem tempo e planejamento, a adaptação é possível.

Os veículos de mídia também seriam impactados por uma eventual proibição dos patrocínios das casas de apostas. Segundo matéria da revista Veja em maio de 2025, emissoras como SBT, Grupo Globo e Band possuem suas próprias plataformas de apostas e passaram a investir na publicidade desse segmento. No mesmo mês, a Agência Senado publicou uma reportagem anunciando a aprovação de restrições à publicidade de apostas esportivas. Foram proibidos comerciais envolvendo atletas, artistas, comunicadores, influenciadores ou autoridades — com exceção de

ex-atletas cuja carreira tenha sido encerrada há mais de cinco anos. Outras restrições incluem a veiculação de publicidade de casas de apostas durante transmissões de eventos esportivos, exibir anúncios em televisão, streaming, redes sociais ou internet somente das 19h30 às 24h, entre outras medidas. É importante frisar que, quanto aos vetos da publicidade no âmbito esportivo, “existe o Anexo X do Conar, que assegura que a propaganda de apostas seja responsável. Há vedação à exposição de eventos com ampla participação de menores. A CBF já proíbe a publicidade das casas de apostas nas competições de categoria de base organizadas por ela”, explica o Coordenador Jurídico Di Carlo.

CONDUTA DESPORTIVA

Além das regulamentações, que devem ser seguidas por casas de apostas, clubes e mídias, os jogadores também devem “andar na linha”. Di Carlo comenta que, para os atletas que são flagrados em esquemas de apostas, “no âmbito disciplinar e esportivo, existem penalidades previstas no Código Brasileiro de Justiça Desportiva, nos regulamentos da CBF, Federação Internacional de Futebol (FIFA) e Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol). Essas penalidades incluem advertências, multas, suspensões, exclusões de compe-

tições e até o banimento do futebol profissional. Ademais, Di Carlo complementa explicando que, “no âmbito criminal, atualmente, a Lei Geral do Esporte tipifica como crime a manipulação do resultado esportivo, recepcionando o previsto no antigo Estatuto do Torcedor. As penas incluem multas e reclusão de dois a seis anos, além de outras sanções previstas na própria lei.

Diante dessa ampla contextualização das apostas esportivas, observa-se que os processos legislativos estão sendo atualizados para combater os diversos malefícios à população e ao esporte mais popular do Brasil. “A adequação e a constante atualização da regulamentação das apostas são necessárias e, sem dúvidas, haverá mudanças nos próximos anos, com a publicação de novas portarias”, ressalta o coordenador jurídico da CBF.

Ao ser questionado sobre o cenário jurídico após a regulamentação, Di Carlo avalia que há “um ambiente jurídico mais seguro para todos os atores envolvidos, considerando que a regulamentação estabelece bases sólidas para uma atividade mais responsável, saudável e transparente para todos”. Com essas informações, a população precisa estar atenta e unida contra a inserção irrestrita das casas de apostas no Brasil.



VULNERABILIDADE NO INTERIOR

A vida dura de um clube de interior pode ficar ainda mais complexa. Com a ascensão das apostas no âmbito esportivo, diversos são os motivos para os clubes de menor expressão serem alvos dos criminosos que visam o dinheiro fácil

A imagem do futebol brasileiro é distante da realidade. Ser jogador, ao contrário do que muitos pensam, está longe de ser sinônimo de milhões na conta bancária. Nas divisões inferiores, a rotina é marcada por salários baixos, estrutura precária e pouca visibilidade. Isso pode gerar uma angústia e anseio em busca de uma melhoria de vida. Com a ascensão das apostas esportivas, os apostadores enxergam os jogadores do interior como alvo para manipular resultados e lucrar com isso.

Os clubes das divisões menores de campeonatos estaduais e nacionais lutam contra as diversidades diariamente. Atraso de salários, falta de dinheiro para pagamento e estruturas precárias fazem parte dos momentos de luta. São fatores como esses que atraem apostadores, que enxergam nessas fragilidades uma chance mais fácil de persua-



Estádio da USP possui diversos setores inutilizados nos dias atuais

Foto: Marcos Riboulli

adir atletas e lucrar ilegalmente.

Para Fábio Hersi, Presidente do Conselho Deliberativo do Comercial Futebol Clube até 2023, os salários que os clubes de interior que não possuem patrocínios a nível nacional, sempre são baixos. “Exemplificando, um salário de uma Série A3 do Campeonato Paulista tem salários de dois a três salários mínimos, no máximo. Ou seja, qualquer valor oferecido ao jogador acaba deixando o mesmo iludido”, afirma Hersi.

Além dos fatores estruturais, a ausência de cobertura

positiva sobre os clubes agrava a invisibilidade dos mesmos, o que facilita a atuação criminosa sem grande repercussão. Vinícius Alves, jornalista do Globo Esporte de Ribeirão Preto, traz a visão de que os times do interior são alvos dos esquemas de apostas por conta dos campeonatos, que possuem pouca visibilidade. “Por mais que tenha transmissão no YouTube, isso é algo recente”. Ele completa que não tem uma mídia tão forte, que cobre o dia a dia, por serem clubes de menor expressão.

Os impactos citados aci-

ma demonstram uma vulnerabilidade. Alves destaca que os salários baixos dos atletas e a situação financeira dos clubes podem contribuir para essa fragilidade. “São salários baixos. Às vezes, uma oferta que vem da manipulação de resultado faz com que você acabe ganhando três, quatro vezes mais em um jogo do que ganha no mês. Então, isso acaba sendo atrativo — não que seja certo, mas é uma tentação.”, completa o jornalista de Ribeirão Preto.

PESO DO DINHEIRO

Além disso, o goleiro profissional Matheus Refundini, com passagens por times do interior como Botafogo SP, Sertãozinho e Velo Clube, tem a mesma visão que o jornalista. Ele cita que “Alguns clubes não pagam, ou pagam

pouco, e o atleta vai pelo dinheiro. O que eu vejo de fora é que o único motivo é o dinheiro, porque é um dinheiro rápido e fácil”.

Por problemas financeiros, alguns clubes não conseguem pagar os salários de seus funcionários em dia. Por isso, quando comparados a clubes grandes, os times do interior e de menor expressão tornam-se alvos mais fragilizados, o que interessa diretamente aos apostadores. “O papel das casas de apostas é chegar nos jogadores que sonham em ter uma vida tranquila, cheia de glamour, mas não conseguem. Daí acabam jogando nos campeonatos menores, ganhando salários baixos e ficando mais acessíveis para os apostadores, e conseguem angariar esses jogadores para entrar no esquema”, diz Her-

si, que resume a dura realidade enfrentada por muitos atletas.

“O clube menor tem problemas financeiros. Muitos jogadores não recebem seus salários, o que torna mais frequente a manipulação. É difícil observar esse cenário em times grandes. Embora existam casos, eles são mais raros. Em campeonatos como A2, A3 e Copa Paulista, alguns clubes pagam menos que outros, tornando os atletas mais vulneráveis à manipulação, pois são afetados pela situação financeira”, explica Refundini.

Os casos de jogadores aceitando apostas têm se tornado mais frequentes na mídia, mesmo com as atuais regulamentações. “Eu já tive contato, sim. Foi na Matonense. Teve um caso no ano passado, na Série A3. O time, inclusive, chegou a ser suspenso pela Federação nas últimas rodadas por suspeita de manipulação de resultados, com jogadores envolvidos em esquema de aposta”, conta Alves. Refundini relata que acompanhou de perto o caso de Thonny Anderson. Na época, o goleiro e o atacante eram companheiros de equipe e atuavam pelo ABC, do Rio Grande do Norte. Anderson foi investigado na Operação Penalidade Máxima, mas acabou absolvido pela Justiça, uma vez que colaborou indiretamente, tendo que pagar apenas uma multa de 40 mil reais.

Quando o assunto é a presença de jogadores do mesmo

Foto: Arquivo Pessoal



O jornalista Vinícius Alves conta sobre casos de manipulações que presenciou

time aceitando ofertas de manipulação, é despertado um misto de sentimentos. Para Refundini, se ele está em um clube e um companheiro se envolve ou tem atitudes que geram dúvidas, ele se sentiria manipulado também. Da mesma forma, o ex-Presidente do Conselho Deliberativo do Comercial diz que se sentiria traído e que “quando contratamos um atleta, queremos que ele vista a camisa em todos os sentidos, trazendo não só toda a sua experiência, mas também sua paixão pelo futebol para o clube”.

COMBATE COLETIVO

A omissão nunca pode ser uma opção. Clubes e jogadores devem estar alinhados no combate a esse mal presente no futebol. O jornalista Alves diz que, quando ocorreu o caso da Matonense, houve um posicionamento do clube. “Talvez não de imediato, confirmando ou negando, mas sempre dizem que vão apurar. Quando eu precisei, foi isso que ocorreu. E eu nunca escutei relatos de falta de posicionamento”. Ele completa que o envolvido, geralmente, é o atleta. Assim, a instituição procura se informar e investigar internamente, para poder contribuir com as autoridades.

Diante da presença no caso da Matonense e de outros times, como Batatais e Barretos, Alves cita a importância da imprensa regional e nacional em casos de manipulação de apostas. “A partir do momento em que surge ou é apurada uma denúncia, é preciso noticiar. Não tem como fechar os olhos para casos como esse. Com uma imprensa mais presente, acredito que isso acaba inibindo até a ação dos apostadores nesses esquemas, na tentativa de atrair esses clubes”, afirma o jornalista.

Para reduzir os incidentes de manipulações via apostas esportivas, é necessário implementar medidas, e o Sindicato dos Atletas tem um papel fundamental nesse processo. De acordo com o site do próprio, a missão da instituição é “Defender os direitos fundamentais e a condição social do atleta trabalhador, com responsabilidade e excelência, proporcionando a condição de uma carreira profissional com dignidade”.



Foto: Arquivo Pessoal

Matheus Refundini foi campeão pelo Velo Clube

“Em São Paulo tem o Sindicato de Atletas. Sempre que joguei no estado – no Velo, no Botafogo, na Portuguesa, no Sertãozinho – participei de palestras antes do início dos campeonatos, promovidas pelo sindicato. Eles falaram sobre manipulação de resultado, ligações suspeitas e as precauções que precisávamos tomar. Explicaram o que deveríamos fazer caso uma proposta dessas chegasse até a gente, como denunciar e como o sindicato acompanha o atleta nesse caminho”, explica o goleiro Refundini.

É fundamental a compreensão dos motivos que levam o atleta a aceitar corromper e manipular uma partida. A corrupção no futebol deve ser combatida e punida com rigor, mas entender os motivos para que a prática tenha ocorrido é humanizar o problema e combatê-lo de maneira eficaz.

O PREÇO DA MANIPULAÇÃO

Eliminado do futebol profissional, Gabriel Tota revela os bastidores do envolvimento com manipulações de resultados ligadas às apostas esportivas, uma decisão que mudou por completo a sua vida pessoal e profissional.

Foto: Arquivo Pessoal



Gabriel Tota jogando pelo MEC Tiradentes

Uma decisão errada mudou completamente a vida de um jogador. É o caso de Gabriel Neres, mais conhecido como Gabriel Tota. Em 2023, teve sua carreira interrompida depois de ser flagrado na Operação Penalidade Máxima e, após julgamento, foi eliminado do futebol profissional pela Federação Internacional de Futebol (FIFA).

Em setembro de 2025, Tota foi reabilitado ao futebol e voltará a jogar após mais de dois anos afastado. No mesmo ano, disputou o futebol amador e também participou da Kings League Brasil, defendendo a Loud. Em 2026, jogará pelo Pouso Alegre, equipe de Minas Gerais.

Em entrevista produzida em junho de 2025, Tota revelou que não tinha voltado a atuar; porém, afirmou que teria dificuldades para retornar ao patamar em que estava antes de

ser flagrado na Operação Penalidade Máxima. Ele comentou que precisava dar dois passos atrás e, aos poucos, chegaria ao seu objetivo.

Após dois anos, a vida de alguém envolvido em esquemas de manipulação se transforma — e o que fica de lição?

Qual o tipo de apoio (ou a falta dele) você recebeu dos jogadores e do clube após o caso vir à tona?

Teve clube no qual me deu apoio. Pessoas e amigos também. Como tiveram aquelas pessoas que criticaram, principalmente os torcedores — mas com razão. Porque, querendo ou não, foi um erro que eu cometi e, no momento, eu não estava ciente da gravidade daquele ato que estava acontecendo.

Você se sentiu julgado após o ocorri-

do — pela imprensa, pela torcida ou por colegas?

Cara, eu me senti julgado sim — pela torcida, pela imprensa. Mas é porque eu acho que foi justo. Foi merecido, porque foi um erro. Mas também eu vejo como um aprendizado, porque pode ter certeza que hoje, eu jamais erraria dessa forma. Como a sua família reagiu com as notícias e com o caso envolvido? Minha família ficou bem triste. Por tudo que aconteceu, ficaram abalados também. Mas foi onde eu busquei (apoio). Me deram apoio para que eu não desistisse.

Você buscou ajuda psicológica para lidar com o impacto emocional e a repercussão?

Não busquei nenhuma ajuda psicológica. Porque serviu muito de aprendizado pra mim. Me tornei uma pessoa melhor e um homem melhor.

De que forma a sua carreira profissional foi afetada desde então?

Foi afetada porque eu não posso mais jogar profissionalmente. E é aquilo que eu sempre sonhei (ser jogador profissional). Sempre quis isso pra minha vida, desde pequeno. Uma das coisas que eu sei fazer de melhor. Mês que vem eu completo dois anos. Mas eu tenho fé em Deus que, no decorrer, eu posso dar a volta por cima e voltar a jogar.

Qual foi o maior prejuízo que esse caso trouxe para

você — pessoal ou profissionalmente? Você se arrepende de ter aceitado a oferta?

Arrependimento total. É uma coisa que eu não devia ter feito. A primeira coisa, eu devia ter buscado as autoridades. Porque, querendo ou não, é um crime. E o prejuízo que eu tive foi ter prejudicado minha carreira profissional.

O que você faria de diferente, caso pudesse voltar ao passado?

O que faria de diferente seria avisar às autoridades. Teria buscado informações e avisado o pessoal do clube. Não teria cometido esse erro e acabado com a minha carreira. Mas eu tenho fé em Deus que eu vou dar a volta por cima e fazer diferente.

Existe algum momento ou situ-

ação, após tudo isso, que o marcou como um ponto de virada?

Cara, o momento onde você vê tudo que conquistou, da onde você saiu e aonde chegou, e aí, por um erro, você ter perdido tudo o que você conquistou. Ter voltado lá pro começo. Agora você precisa reconstruir tudo novamente.

Que mensagem você deixaria para jovens atletas sobre os perigos do envolvimento com apostas e más influências?

Cara, a mensagem que eu deixaria é que se algum dia chegasse uma oportunidade, eles (os jogadores que recebem as propostas de manipulações) irem direto às autoridades. Avisar o clube em que atua para que não cometa esse erro, para que nenhum deles prejudique sua carreira.



Gabriel Tota atuando profissionalmente pelo Juventude

Foto: Arquivo Pessoal

JOGO VENDIDO NO INTERIOR

Internacional de Limeira e Patrocinense disputavam o que parecia ser apenas mais uma partida comum da Série D de 2024. No entanto, acabou parando na justiça. Pessoas foram punidas e a imagem do clube mineiro manchada.

O que aparentava ser apenas mais um jogo de um campeonato nacional acabou parando na justiça brasileira. Em junho de 2024, a Internacional de Limeira recebeu a Patrocinense, equipe do interior de Minas Gerais, em confronto válido pela 6ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série D. Em um jogo movimentado no primeiro tempo, a equipe paulista abriu 3 a 0, resultado que foi mantido até o final da partida.

O problema surgiu dias depois. Uma investigação foi iniciada, com um alto volume de apostas para a equipe visitante sofrer dois ou mais gols, de acordo com matéria publicada pelo ge.globo. Isso levantou diversas suspeitas, especialmente pelo comportamento em campo da equipe mineira.

A partida marcou o confronto da líder (Inter) contra a lanterna (Patrocinense) do grupo A7 da competição. De acordo com Miguel Men-

des, torcedor e produtor de conteúdo para uma página sobre a Inter de Limeira, “o clima era de otimismo devido à boa campanha que a equipe vinha fazendo na Série D. Pareceu mais uma vitória normal. Souu estranho apenas meses depois, quando começaram as investigações”.

CRISE NOS BASTIDORES

A Patrocinense, por outro lado, vivia uma crise profunda: sucessivas demissões de técnicos, rebaixamento no Campeonato Mineiro, renúncia do presidente, rescisões contratuais, rompimento de parcerias e outros problemas internos. “Durante a semana já tinham chegado algumas informações para a gente de que o time da Patrocinense estava passando por muitas dificuldades. Eles estavam perdendo muitos jogadores, era um time que estava em crise. No dia do jogo, vimos que eles

Foto: Internacional de Limeira





Inter de Limeira x Patrocinense duelaram em Limeira, em 2024

estavam com um time com jogadores improvisados em várias posições”, conta Juninho Bosco, responsável pelo Departamento de Comunicação e Marketing da Internacional de Limeira.

O que era esperado se confirmou. A equipe do interior paulista tomou conta do confronto e administrou as ações. À medida que os gols foram saindo, as dúvidas sobre uma possível manipulação vieram à tona. Segundo o scouter Abner Tobias, “o que vemos quando estudamos uma equipe são padrões comportamentais. E a partir desses padrões, conseguimos notar a intenção da equipe. Quando tem algo muito fora do padrão, obviamente nós percebemos, fica nítido pra gente”.

As mudanças de comportamento da Patrocinense apresentavam uma postura irreconhecível, até mesmo para os diretores da equipe. Segun-

do Bosco, os dirigentes do time mineiro desceram para os vestiários no intervalo, e suspeitaram de algo estranho. “Estavam muito bravos, falando que tinha algo errado, xingando os jogadores do próprio time. Era uma briga entre eles”, completou.

A princípio, tudo foi tratado como falhas técnicas, consequência da crise interna da equipe mineira. No futebol, é comum que times fragilizados internamente sofram influência direta da política do clube, o que acaba afetando o desempenho dos jogadores em campo.

“Na maioria das vezes, as situações (de simulações) são bem escancaradas, então podemos levantar suspeitas. Mas acusar ou afirmar algo, jamais. Não cabe ao árbitro julgar, apenas relatar às autoridades desportivas”, afirma um árbitro da Federação Paulista de Futebol (FPF) e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF),

que preferiu não se identificar.

Para Tobias, algumas atitudes dentro de campo são multifatoriais, mas existem ações que, quando vistas novamente, podem soar estranhas. “Realmente tem padrões que são muito perceptivos, mas você vai rever a partida e fala: cara, isso aqui não faz sentido”.

APÓS O APITO

No pós-jogo, a maioria tratou a partida como uma vitória comum do líder, que precisava do resultado para assegurar a primeira posição do grupo. “Não comentaram nada sobre manipulações após o confronto. O clima era de otimismo, devido à boa campanha que a equipe vinha fazendo na Série D”, afirma Mendes, que completa dizendo que pareceu uma vitória normal da Inter de Limeira.

Há questionamentos sobre o posicionamento da mídia na divulgação do acontecimento. Juninho Bosco entende que



Foto: Arquivo Pessoal

Abner Tobias é responsável por análises de desempenho

“houve uma cobertura ok, porque é um jogo da Série D. Já não tem muita cobertura midiática em cima e a grande imprensa não se interessa tanto por esse campeonato. Outra coisa que percebemos foi o uso do nome da Inter para chamar mais atenção do leitor no site ou no jornal. A nossa imagem acabou sendo arranhada em um momento em que a Inter não tinha culpa”. O torcedor Mendes compartilha uma opinião semelhante, afirmando que, em muitos casos, a mídia dava a entender que era a equipe paulista que estava sendo investigada, não a Patrocinense.

As manipulações via apostas esportivas tornaram-se recorrentes. Por isso, é necessário capacitar cada vez mais os profissionais envolvidos em uma partida de futebol, para identificar atos suspeitos e contribuir com as autoridades. Segundo o árbitro federado, “as comissões de arbitragem, tanto em âmbito estadual quanto em âmbito

nacional, ministram aulas com estes temas justamente voltadas para o árbitro lidar da forma correta com estas situações”.

Para Tobias, analistas de vídeos estão envolvidos em casos de manipulações, contribuindo com as autoridades responsáveis para minimizar esses casos. “Eu li alguns textos que começam (as análises) pelo vídeo e depois eles vão investigando até chegar no ponto em que eles encontram mensagens, pegam depoimento dos atletas”.

Jogadores e funcionários que não estavam envolvidos têm seus nomes manchados por um erro que é, infelizmente, generalizado. “Ficamos tristes pela Patrocinense, porque é um time querido em Minas Gerais. Têm alguns atletas que não estavam no ‘bolo’ de combinados. Ficamos com pena por eles.

Ao ser perguntado sobre credibilidade, Bosco afirma que a manipulação “arranha a imagem do Campeonato Brasileiro. Isso

diminui de alguma forma a vitória da Inter”. Ele comenta que é ruim a sensação de saber que de qualquer maneira, a Inter ganharia a partida, descredibilizando o esforço dos atletas.

PENALIDADES

Em março de 2025, de acordo com a Itatiaia Esportes, três jogadores, o técnico, um dos auxiliares e o ex-dirigente foram punidos pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) após o julgamento do caso de manipulação.

A Patrocinense amargou derrotas e se encontra disputando a segunda divisão do Campeonato Mineiro. Em 2025, não conseguiu o acesso para a elite. Já a Inter foi rebaixada para a Série A2 do Paulistão. Entretanto, conseguiu o acesso para a Série C, caindo na semifinal para o Barra, de Santa Catarina.

As manipulações afetam diretamente o espetáculo esportivo, a credibilidade do esporte e a confiança dos torcedores. Mesmo quando um clube não está envolvido diretamente, sua imagem acaba manchada. E quando alguns funcionários se comprometem com esse tipo de esquema, acabam atingindo todos os outros inocentes que compõem o grupo.

Para preservar o jogo limpo, é preciso mais do que punições: é necessário vigilância constante, formação ética e um olhar atento da mídia e da sociedade.

Foto: Whashington Prates



Anderson Rocha é ex-gestor da Patrocinense e foi um dos punido

INFOGRÁFICO

Informações e estatísticas sobre casos de manipulações de resultado no Brasil e de partidas suspeitas no país e no mundo entre 2022 e 2024

LINHA DO TEMPO CASOS DE MANIPULAÇÃO NO FUTEBOL BRASILEIRO



MÁFIA DO APITO - 2005

Esquema de manipulação de resultados no futebol brasileiro envolvendo árbitros e dirigentes



TIMES DA SÉRIE A3 - 2020

Paulista, Olímpia e jogadores foram punidos pelo TJD-SP por manipulação de resultados no Paulistão Série A3



PENALIDADE MÁXIMA - 2023

Operação para combater manipulação por apostas esportivas. 22 jogadores foram penalizados



OPERAÇÃO JOGO LIMPO - 2024

Manipulação no jogo entre Inter de Limeira x Patrocinense. Sete pessoas foram punidas



2023 - 24

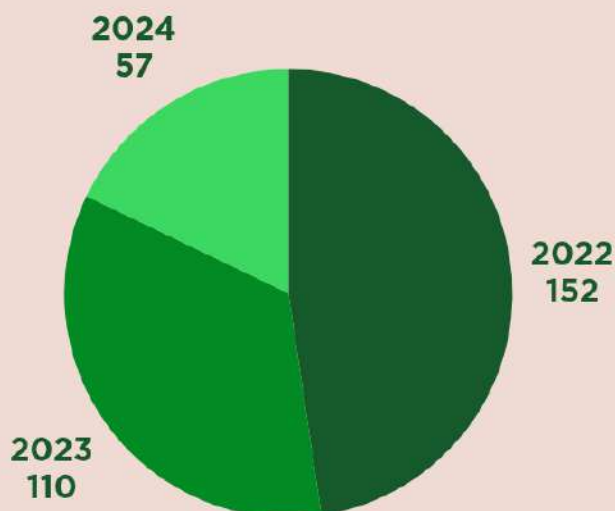
Diminuição de casos de jogos suspeitos por manipulação em 2024



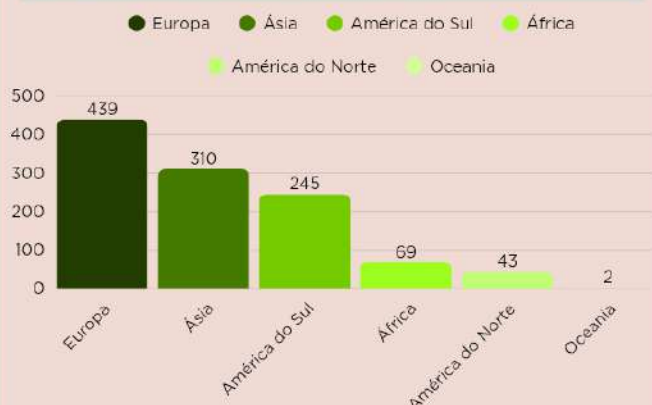
-48%

Referente a 2023

CASOS DE MANIPULAÇÃO EM CAMPEONATOS NO BRASIL



CONCENTRAÇÃO DE CASOS SUSPEITOS POR CONTINENTE



Fontes: Estadão, Uol e Lance



ESCALAÇÃO POVO FALA





ESCALAÇÃO POVO FALA



"Eu sou contra e repudio qualquer coisa relacionada às apostas esportivas e à manipulação de resultados. Isso gera uma certa desconfiança nos torcedores, até por conta da forma como a mídia trata as apostas esportivas, dizendo que alguns erros cometidos dentro de campo podem ser esquema de aposta. Às vezes, um cartão tomado indevidamente faz a torcida achar que há algum envolvimento com esquema de aposta, e isso pode até atrapalhar o desenvolvimento do time."

"Considero as apostas esportivas um equívoco, resultado de diversos fatores que contribuíram para a perda da essência do futebol, em especial. Por isso, me posiciono totalmente contra. As apostas afetam a confiança dos torcedores. Atualmente, assistimos a jogos que levantam suspeitas de manipulação para favorecer casas de apostas, o que compromete totalmente a credibilidade dos resultados e mina a confiança do torcedor no esporte."



"Quando se fala em investigação de manipulação dos jogos, existem alguns exageros e uma certa falta de compreensão do público em geral. Primeiro, porque muitos erros naturais são tratados como manipulação. Por outro lado, a gente vê cada vez mais se desenvolve um centro de análise sobre o que podem ser partidas suspeitas. Talvez a principal chave seja um alto volume de apostas em uma partida ou em algum evento inesperado. Não à toa, a justiça tem sido muito cuidadosa"

"Sou contra. Acho que é o tipo de atividade econômica mais inútil que existe. Não gera emprego, não traz benefícios para a sociedade e se resume a um buraco negro que suga o dinheiro de quem aposta. É quase impossível imaginar o futebol sem as casas de apostas. As mídias deveriam falar mais sobre o assunto, mas o dinheiro que as bets injetam nos canais e nas grandes figuras da mídia impede que isso aconteça."



"Acho que o futebol já é, por si só, um evento de tamanha proporção e emoção onde não cabe apostas. Por isso, sou contra. As apostas afetam a confiança dos torcedores, e o dinheiro, infelizmente, corrompe e torna o ambiente propício a manipulações. A mídia não fala o suficiente sobre manipulações de resultado no futebol via apostas esportivas, cobrindo apenas fatos isolados. Uma forma de evitar esses casos e proteger o futebol seria proibir as apostas"

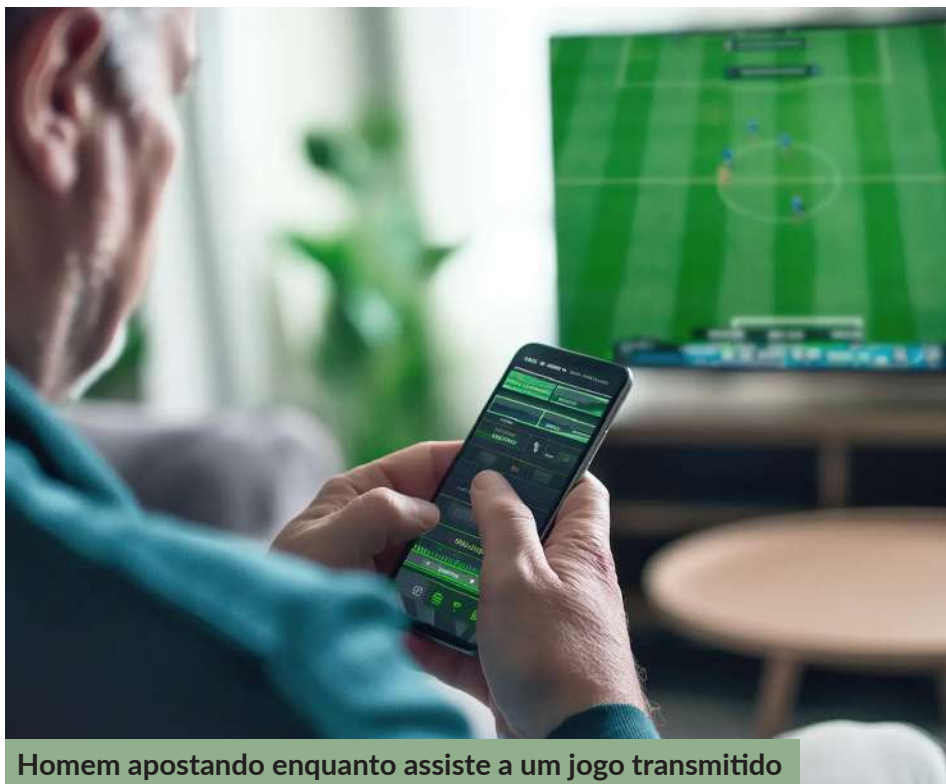
"Imagino que a distribuição de um percentual dos valores captados pelas apostas, tendo o jogo de futebol como plataforma de arrecadação financeira, poderia ser direcionada para ações como a aposentadoria de atletas, seguro de vida e outros benefícios, já que sem os atletas não teríamos o futebol. Sou a favor, desde que seja regulamentado com regras e diretrizes bem detalhadas, para evitar a impressão de resultados suspeitos."



APOSTA NO VÍCIO

O primeiro clique se transforma em acessos diários e, enquanto as casas se preocupam com o faturamento, a população passa a se preocupar com a saúde mental de jovens usuários.

Foto: Adobe Stock



Homem apostando enquanto assiste a um jogo transmitido

As apostas esportivas, como todo produto, se aproveita para atrair pessoas e criar um nicho. Com poucos cliques, apostar se torna algo fácil para uma pessoa que desconhecia o processo. Esse entretenimento, porém, pode rapidamente se transformar em vício. O impacto mental traz consequências em diversas áreas da vida. Assim, a regulamentação e a mídia devem ser componentes fundamentais no combate ao vício.

Os contatos com as apostas podem vir em diferentes idades, porém, com a nova geração

de jovens imersos na era digital, está mais exposta a esse tipo de vício. Tiago Bombonato, consultor de vendas de 23 anos, conta que seu primeiro contato com as apostas foi em 2022 e que “na época, estava trabalhando e comecei a ‘investir’ o que sobrava do salário. Eu comecei a interagir com apostas através das redes sociais”. Outro exemplo é Samuel Safariz, estudante de 19 anos. “O primeiro contato foi em abril do ano passado. Uns amigos meus já apostavam e eu comecei também”, conta Safariz.

No início, o apostador

pode não imaginar as consequências negativas do hábito. Safariz comenta que tinha necessidade diária de apostar antigamente, tem mais estabilidade emocional e sabe se controlar. Por outro lado, Bombonato explica que não sente a necessidade de apostar todos os dias, mas que seleciona os jogos mais atrativos para apostar no dia.

“Perdi dinheiro pessoal em momentos que não poderia, e perdi certa confiança de pessoas próximas devido a isso”, relata Bombonato. Quando questionado sobre a necessidade de apostar, ele afirma que sente, mas que não é pelo dinheiro, e sim pela sensação de êxtase do ganhar e perder.

A pressão constante por sucesso financeiro faz com que muitos jovens vejam nas apostas uma possível solução. “As apostas esportivas, elas são consideradas um tipo de vício, conhecido como transtorno de jogo ou ludopatia. Esse comportamento ativa o sistema de recompensa do cérebro, libera a dopamina e causa sensações de prazer e euforia semelhante às de outras substâncias químicas, como o ál-

cool e as drogas”, ensina o psicólogo Pablo Blanco.

INFLUÊNCIA FAMILIAR

Os vícios podem afetar em outras áreas da vida, primordialmente, o núcleo familiar. Em uma matéria publicada pelo Instituto Salva Vidas sobre os impactos que a dependência química — um tipo de vício — pode trazer, é destacado que o primeiro e principal sistema a ser afetado negativamente é a família. Para isso, os pais devem sempre estar atentos às atitudes de seus filhos.

O Secretário de Esportes de Ribeirão Preto, Matheus Silva, possui um filho que aposta recreativamente, e acredita que “as apostas têm um impacto negativo. No caso do meu filho não, porque em casa nós temos uma educação diferenciada. Conversamos muito sobre tudo e eu orientei bem ele sobre isso”. Quando perguntado sobre a função dos pais, ele diz que os pais têm responsabilidade direta na orientação dos filhos.

Pablo Blanco acredita que “as apostas esportivas podem ter grandes impactos e profundos na vida dos jovens. Entre elas a deterioração das relações familiares e sociais, com conflitos e afastamento desse convívio familiar”. Ele acredita que através da atenção e o diálogo aberto, é possível identificar os sinais precoces.

É importante refletir sobre onde começa o vínculo entre apostador e plataformas. Nesse ponto, as propagandas são introduzidas e possuem um papel crucial. Silva diz que “a rede social e a internet têm muita culpa nessa proliferação, por causa das métricas da facilidade de viralizar. Então, são assuntos que chamam atenção. Isso se multiplica de forma muito rápida”.

Quanto ao assunto, Blanco diz que a notícia pode ter dois efeitos. “Na primeira é a conscientização, que são notícias sérias e educativas sobre o que alertam sobre os riscos e ajudam a identificar sinais de dependência e incentivam a busca por ajuda”. Ele completa afirmando que o segundo é a normalização e o incentivo, já que



Foto: Arquivo Pessoal

quando a cobertura é sensacionalista, pode estimular ainda mais a curiosidade entre os jovens.

EDUCAÇÃO PARA PREVENÇÃO

Para o combate dos vícios em apostas esportivas, o secretário de Esportes acredita que tanto os pais quanto a escola precisam estar mais ativos e participativos na vida do filho. “Assim, você consegue acompanhar e intervir, orientar de forma educada e sem nenhuma agressão para nenhuma das partes”. Dessa maneira, o jovem pode se sentir acolhido, e buscar na família um aporte emocional e enxergar uma saída na luta contra o vício.

Ao serem questionados sobre o que diriam ao seu eu do passado, os jovens entrevistados foram unânimes: não teriam começado. Safariz diz que “você pega gosto, e às vezes isso pode acabar com teu dia, só por você ter perdido uma aposta”. Já Bombonato, afirma que as apostas elevam o prazer e se tornam um vício, independente se os resultados são bons ou ruins.

Jovens e adultos devem estar com perspectivas alinhadas, para que o entretenimento divulgado sobre as bets não se torne um problema grave para jovens e adolescentes. Enquanto crescem os usuários e aumenta o lucro das casas de apostas, os danos à saúde mental seguem em jogo.

BASE NO ALVO

A pressão de se tornar jogador profissional é algo natural para quem está na base, mas o dilema entre dinheiro e integridade ética vem se tornando um impasse na vida de jovens atletas.

Foto: Goal



Jogadores campeões da Copa São Paulo, organizada pela Federação Paulista de Futebol

A exposição chega cada vez mais cedo para os jovens atletas. Em busca de um contrato profissional e de melhorar a própria qualidade de vida e da família, a pressão vai além do desempenho em campo: envolve também a tentação de aceitar propostas ilícitas para manipular partidas. O futebol acaba ficando em segundo plano, enquanto a ideia de ganhar “dinheiro fácil” perpetua na mente dos adolescentes. Com a ascensão das apostas, os mercados passaram a incluir jogos das categorias de

base, até 2024, tornando esses jovens alvos cada vez mais vulneráveis. O futebol sempre lidou com conflitos éticos, especialmente quando se trata de tentativas de corromper o esporte para gerar lucro. O problema foi agravado quando as casas de apostas liberaram as opções de mercados em jogos das categorias de base, facilitando que apostadores se aproveitem e ofereçam dinheiro a jovens atletas, alguns até menores de idade. Como medida protetiva, em ma-

em dezembro de 2024, foi publicada uma portaria que regula as modalidades esportivas e entidades de prática esportiva autorizadas para apostas de quota fixa em eventos reais de temática esportiva. Junto a isso, foi proibido qualquer tipo de aposta em competições esportivas de caráter não profissional, ou seja, em jogos de categorias de base, já que muitos são menores de idade. A proposta é justamente para manter a integridade do esporte e proteger os jovens jogadores.

Jogadores de base sem-



Diogo Ramos comenta sobre como a base é alvo das apostas

pre pensam no futuro e, a maioria deles tenta se blindar e evitar envolvimento com apostas. Diogo Ramos, ex-lateral do Velo Clube, Sertãozinho e Taubaté, disputou o Campeonato Paulista sub-20 e Copa São Paulo e já foi procurado por apostadores. “Acontece bastante antes de alguns jogos contra times grandes ou até mesmo na Copa São Paulo, que é um campeonato maior, com mais visibilidade. Eles mandam mensagem, mas você nem responde”. Por outro lado, o zagueiro Jonas Aguiar, do Sertãozinho sub-20, afirmou que nunca foi procurado, mas que o clube dá abertura para os jogadores falarem caso sejam abordados.

Para evitar ao máximo esse tipo de situação, é dever dos clubes blindarem seus atletas e oferecerem o suporte necessário. “Aqui no clube, procuramos ser acessíveis. Passamos essas orientações para a comissão técnica e para todos que estão no dia a dia com os atletas. Realizamos reuniões frequentes entre os funcionários, justamente para identificar qualquer tipo de alteração de comportamento”, explica Lucas Ribeiro, diretor das categorias de base do Sertãozinho. O profissional completa explicando que,

caso haja procuras, ela é relatada internamente para que ocorra um acompanhamento de perto.

MEDIDAS PROTETIVAS

Por serem muito jovens, os jogadores precisam de proteção não apenas familiar, mas também institucional. O técnico do sub-17 da I9 Futebol Clube, Antônio Neto, afirma que “a comissão técnica tenta sempre proteger e blindar os jogadores da melhor forma possível, não só na parte das apostas, mas em qualquer situação que envolva o dia a dia de um atleta no futebol”. A participação ativa dos clubes na vida desses garotos é fundamental, com profissionais capacitados para orientá-los em meio ao turbilhão de informações e propostas. Assim, os atletas podem desenvolver maturidade para lidar com esse tipo de situação.

Outro atuante em casos de proteção a base é a Federação Paulista de Futebol (FPF). Responsável por coordenar os campeonatos do estado de São Paulo, os clubes devem seguir as diretrizes impostas. Aguiar diz que a FPF passou palestras quando essa “febre” começou. Sendo obrigatória, todos os clubes receberam essas palestras. Da mesma forma, o diretor das categorias de base do Sertãozinho afirmou que “a Federação Paulista é muito atuante e organizada. Eles organizam antes de to-



Jonas, do Sertãozinho, em jogo do Paulistão Sub-20

das as competições o conselho arbitral, que reúne os diretores, presidentes, e também realizam algumas reuniões específicas com a comissão técnica e os jogadores. O objetivo dessas reuniões, segundo ele, é justamente orientar sobre os riscos e as consequências das apostas esportivas.

O conteúdo passado para os jogadores é muito importante. Salientar os malefícios das ofertas de manipulação e colaborar com os apostadores é dever dos responsáveis pelos clubes e campeonatos. “Eles explicam que, até se você mandar

uma mensagem para o seu pai falando do seu time, e ele apostar, isso também é crime”, afirmou Ramos.

A retirada dos mercados e patrocínios relacionados a apostas resolveu parte do problema, mas trouxe outro desafio para os clubes: a viabilização de verba para a base. Segundo o diretor da base do Ser-tãozinho, Lucas Ribeiro afirma que a medida impacta diretamente o caixa das equipes, até porque alguns clubes utilizavam da verba destinada para manutenções na base. Por outro lado, ele acredita que os clubes solucionarão essa questão, já que foi estabelecida como uma medida de proteção aos atletas menores de idade. “Para manter a base,

nós sabemos que é um custo alto para os clubes. Já tem sido vista a criação da SAF. Então, acredito que os clubes vão conseguir buscar outras soluções. Mas eu vejo que a Federação Paulista, assim como a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) são competentes para tomar as medidas e para saber o que é necessário para diminuir a incidência de casos”.

CONTRAPONTO ÉTICOS

O conflito entre finanças e ética coloca os clubes diante de uma disputa delicada entre interesses e necessidades, que nem sempre privilegiam o bem coletivo. “Deveria haver uma regularização mais forte, com leis bem definidas e que realmente funcionem para não fugir da alçada dos órgãos responsáveis pelo futebol, seja na base ou no profissional”, afirma o técnico. Para ele, essa é a forma mais realista de lidar com o cenário atual, já que os clubes dependem do investimento das casas de apostas e essas empresas não demonstram intenção de deixar de patrocinar equipes e competições. Ele reforça que a proteção começa dentro do cotidiano das categorias de base. “Trabalhamos sempre a conscientização e relacionamos esse cuidado a tudo o que envolve a rotina de um atleta, porque não é só a exposição às apostas, mas toda uma estrutura de disciplina e responsabilidade que eles precisam ter”, completa.

Foto: IA/ChatGPT



Garotos representando jovens jogadores patrocinados por casas de apostas

A VOZ DO FUTEBOL NÃO É MAIS DA TORCIDA





**PATROCINE
AQUI**

O QUE SÃO MILHARES DE VICIADOS... PERTO DE MILHARES DE REAIS?

Ajude-nos a esconder os estragos das apostas
Seja um patrocinador